Número duplo

Alimento Espiritual



Vol. 10.º — N.ºs 3 e 4 | 1952 | MARÇO e ABRIL

SUMÁRIO

Redacção: Praça das Amoreiras, 34 — LISBOA

Lygia Helena Góes

Na Cruz

Ele ali está, com o corpo ligado à madeira rugosa, todo o ser já sacudido pelos espasmos da agonia. Decorrem três horas. Até os trocistas mais barulhentos se calam pouco a pouco. Um silêncio feito de horror e de piedade desce com as trevas de um crepúsculo inesperado. De súbito, um grito estridente rompe esse silêncio: «Eli, Eli lama sabachthani? — Meu Deus, meu Deus, porque me desamparaste?» Quem ousaria permanecer insensível? Os últimos instantes de qualquer criatura humana prestes a morrer são sagrados; com que respeito e com que ternura no nosso coração nós recolhemos o murmurar de Jesus, na agonia!

Jesus só sem Deus! Jesus só a despeito de Deus!

A crucificação dos pregos é suportável; centenas de malfeitores antes e depois de Jesus a suportaram. Porém, a crucificação da alma é insuportável; só Jesus a conheceu; é a maldição de um Deus verdadeiro, infalível, perfeitamente justo; sobre quem? Sobre essa alma terna, doce e amante para Quem Deus foi sempre a única ternura, a única doçura, o único amor.

Todos os apoios da terra se desvaneceram, o Seu povo e os Seus chefes deixaram-lhe apenas um único apoio — um tronco para suplício. Isso suportar-se-ia; mas agora o Pai é-Lhe tirado! Ousaremos dizer tudo? O Pai separa-se d'Ele, retira-Se. Uma só palavra é suficiente e resume tudo:

Abandonado!

Que fez este Homem para Se tornar maldito da terra e do céu? para ter o corpo crucificado pelos homens e a alma crucificada por Deus?

Ele protesta. Pergunta porquê.

Deus não respondeu nada.

Até à consumação dos séculos, Deus ficará em silêncio, porque a resposta, somos nós que a devemos formular:

Oh Jesus, o Teu único crime, foi o de nos teres amado demais! Rei do Eterno, quiseste-nos conquistar para Ele; Santo de Deus quiseste-nos revestir da Tua vida adorável;

Filho do Pai, quiseste-nos transportar para o Teu Reino de beleza!

E a cada vez, respondemos: Não!

Para suprimir esse «não», Tu disseste a Deus, Teu Pai: «os crimes deles serão os Meus crimes; as culpas deles serão as Minhas; o castigo deles cobrir-Me-á, e tudo o que for preciso sofrer para quebrar esse «não», estou pronto a sofrê-lo!

«Eli, Eli, lama sabachthani!».

Silêncio de Deus!

Este protesto tão veemente de Jesus conseguirá penetrar as camadas endurecidas do nosso egoísmo frio e calculista? Será ele capaz de pôr os nossos corações a nu? Substituirá ele o nosso «não» de orgulho e maldade pela resposta verdadeira, decisiva, clara, o «sim» que inspira o Espírito Santo: «Senhor Jesus, o Teu único crime, é o Teu amor por mim; sim, é por causa de mim que Deus Te abandona».

Deus tinha um Filho Único: prolongamento do Seu Amor, reflexo da Sua Santidade, Glória da Sua Pessoa. Dava-no-Lo como Filho de Deus a fim de que, nesse espelho transparente, nós contemplássemos a face santa e misericordiosa do Pai.

A esse milagre de amor nós opusemos o nosso ódio. Respondemos: Não!

A humanidade rebelde fere Jesus, mas os seus golpes atingem Aquele de onde Jesus provém. As pancadas do martelo ressoam no Seu coração de Pai. Os pregos penetram-nO. A coroa ensanguentada rasgou a própria fronte da majestade divina. O Filho recebe os tormentos mas o Pai esconde a Sua face e a Sua dor. Tudo o que Jesus sua de dor, o Pai suporta-o.

Jesus já não sente a doce presença de Seu Pai. Quer isto dizer que Deus esteja ausente do Calvário? Não, mil vezes não! Enquanto o seu Bem-Amado sofre, Ele leva-O nos braços do Seu eterno amor. Quem poderá dizer qual dos dois sofreu mais com este abandono?

Num hospital, uma mãe não consegue dissimular a violência da sua angústia. Interrogada, ela respondeu: «o meu filho único está sobre a mesa de operações». A criança sob a acção da anestesia não sabia nada, mas, na mãe, que sofrimento indizível!

O Pai vê Jesus sob a maldição, agonisando no abandono e abandonado na agonia. Cala-Se. Mas nesta imobilidade silenciosa, que sofrimento!

Porque Aquele que foi abandonado é o prolongamento do Seu amor. Aquele que morre amputado da presença divina é o raiar da Sua glória.

O abandonado do Gólgota não é o coração do Seu coração?

Na alegria do Natal, o Pai dava o Seu coração.

No abandono do Gólgota, o Pai despedaçou-o.

Porquê? Para quê este abandono que não pode atingir o Filho sem ferir o Pai? Para quê este martírio, onde Aquele que trespassa é o primeiro a ser trespassado?

Por causa de nós!

Bethlehem e Gólgota!

Jesus como que Se desdobra, toma um corpo, dá-Se uma alma; toma nesse corpo e nessa alma tudo o que é possível sofrer, a fim de que, a criatura humana, surpreendida, comovida, soluçante, responda por fim ao grito estridente: «Eli, Eli, lama sabachthani!».

Que responder? «Sim».

«Sim Jesus, tu amaste-me até ao ponto de seres abandonado por teu Deus».

«Sim, Pai amaste-me até ao ponto de consentires em abandonar o teu Filho».

«Sim, por causa do meu pecado, conheceste a fornalha da minha perdição!

Hoje, abandono-Te o meu pecado pelo qual foste abandonado; mas, ao abandonar-to, abandono-me eu próprio entre os Teus braços magoados.

Tu que me amaste tanto pelo milagre incompreensível

da Encarnação e da Expiação; Tu, o Deus humilhado, sofredor, ajoelhado aos pés do pecador; Tu que preferiste suportar todos os abandonos a abandonar-me, amo-Te, amo-Te em troca! de todo o meu coração!

Blaise Pascal

Trad. e adapt. por **Maria Helena Cardoso**

Quarenta anos esquecidos

No capítulo onze da Epístola aos Hebreus, o escritor traça o caminho da fé na história dos heróis, passo a passo, por assim dizer, cronològicamente até à travessia do Mar Vermelho; mas há depois um intervalo de quarenta anos, até à tomada de Jericó. (Hebreus 11, 29-30). Mesmo não há referência à travessia do Jordão. Porém, se aquele povo não tivesse andado errante pelo deserto, não teria havido travessia do Jordão, pois teria penetrado em Canaan por Kadesh-barnea. Portanto acha-se o relato feito conforme o desejo de Deus, tendo sido omitida referência a como os homens falharam, desobedecendo. Assim passa-se a frisar o «como tomar posse» em vez de o «como atravessar».

Não importa que se aprenda como as coisas não devem ser feitas. É este o ponto fraco na maioria das «histórias da vida» (tenho aprendido a me esquivar de quem pretenda contar-me a história da sua vida!), pois tais relatos constam mormente de material tal como o dos tais quarenta anos, e que mais convém ser passado por alto. Espiritualmente, o Mar Vermelho e Jericó são contíguos, e o que os separa testemunha principalmente os fracos e os infortúnios dos homens.

Por vezes tem sido costume julgar o ponto na graça atingido, por qualquer, na base da relutância que teve em chegar ao arrependimento, à consagração e à libertação. Porém isto é conceder aos quarenta anos olvidados o lu-

gar de supremacia. Se preciso for chamar a atenção para estes anos, conceda-se-lhes lugar subordinado; pois na história do tomar posse seguiu-se Jericó ao Mar Vermelho.

Muitas vezes teremos admirado a simplicidade dos traços delineadores das vidas dos santos. Tudo quanto é essencial se acha esboçado nas seguintes poucas linhas: Gabés invocou o Deus de Israel, dizendo: «Se me abençoares muitíssimo, e os meus termos ampliares, e a Tua mão for comigo, e fizeres que do mal não seja aflito! E Deus lhe concedeu o que Lhe tinha pedido» (I Cron. 4, 10). Podia ser empregado maior número de palavras, mas mais não se poderia dizer, pois é o deserto da vida humana errante incidente de vulto na biografia seja de quem for. E é ao poder de Deus que o cristão deve deveras ligar importância, e não à incapacidade do homem. *O que importa é o destino e não a viagem.*

J. B. Chapman no «Herald of Holiness»
(Trad. de *E. R. H.)*

Fé em Deus

Há sempre força para olhar para Deus; mas se a mente se ocupa com a sua fraqueza em vez de se ocupar com Deus, produz-se a incredulidade. Podem apresentar-se dificuldades; pode Deus permitir que nos sobrevenham muitas coisas para nos ensinar que somos débeis, mas o andar na fé com simplicidade é ir avante não nos ocupando antecipadamente com a ajuda que necessitarmos, e que encontraremos — quando chegar o momento.

A David não importava o leão, nem o urso, nem o gigante Golias: para ele tudo era o mesmo, porque ele, em si, era igualmente débil tanto perante uma coisa como perante a outra; mas prosseguia avante, tranquilamente, cumprindo o seu dever, e tendo por certo que Deus estaria sempre com ele.

É isto a Fé.

J. N. D.
Versão de J. A. P.

«Alegraram-se, vendo o Senhor»

(S. João 20:20)

À primeira vista, parece-nos natural que os onze se alegrassem ao ver o Senhor, mas ao pensarmos nesta frase tão simples, temos que admitir que *não é* natural que um homem se alegre ao encontrar-se face a face com Deus. Não é preciso procurarmos muito longe, entre aqueles que se chamam religiosos, para nos convencermos que o seu Deus não lhes traz alegria e muito menos traria se O encontrassem face a face.

O facto de procurarem tantos medianeiros entre eles e Deus é uma prova que é o medo que actua nos seus corações e não a alegria. A alegria levá-los-ia com confiança à Sua presença, buscando a comunhão diàriamente com Ele; o Senhor seria a sua suma felicidade, mas o medo leva-os a pôr entre eles e o Senhor o maior número possível de intermediários. Eles tremem diante de Deus, não se alegram.

Estes onze alegraram-se e vamos ver que era por estarem nas devidas condições; o sentimento que inunda o nosso coração, quando na Presença de Deus, depende do estado do coração.

Dissemos que não era natural um homem alegrar-se diante de Deus e é muito fácil provar isso com as Escrituras, tanto do Novo como do Velho Testamento. Jacob tinha enganado o seu pai Isaac roubando assim a bênção que pertencia a Esaú seu irmão; teve que fugir da casa do pai com receio que Esaú o matasse. A primeira noite passou-a no deserto dormindo ao ar livre e sonhou: uma escada era posta na terra cujo topo tocava nos céus; em cima estava o Senhor e os anjos subiam e desciam. O Senhor falou a Jacob prometendo-lhe grandes bênçãos e até a terra em que estava deitado havia de pertencer à sua semente. Ao acordar, era de esperar que Jacob se sentisse inundado de uma alegria extraordinária, ao reconhecer que

havia de ser dono de toda a Palestina ou melhor, que era já dono desse país, pois as promessas de Deus são aceites como se já estivessem cumpridas; depois de ouvir a Voz do Senhor e ouvir tão maravilhosas promessas era de esperar que Jacob não coubesse em si de contente.

Pois lemos precisamente o contrário; Jacob disse «O Senhor está neste lugar e eu não o sabia» e ele temeu e disse: «Quão terrível é este lugar!»

Porque seria que os discípulos se haviam de alegrar ao verem o Senhor e Jacob havia de sentir um indizível terror, apesar de ter recebido promessas do Senhor e de ter tido tão maravilhosa visão?

Outra vez, o profeta Isaías, no capítulo seis do seu livro, conta-nos como, no ano em que o rei Uzias morreu, ele viu o Senhor assentado sobre um alto e sublime trono; encontrava-se na Presença do Deus de toda a terra. Qual foi o resultado? Alegria indizível como no caso dos discípulos? Lemos que ele exclamou: «Ai de mim que vou perecendo!». A visão do Senhor tinha trazido à sua vida uma profunda convicção do seu estado diante de Deus e reconhecera que ia perecer. Via diante dele a santidade do Senhor e o seu horrível estado de pecador e sabia perfeitamente que, na presença de tal santidade, ele só merecia o inferno. Porque seria que os discípulos se alegraram, ao passo que Isaías clamava que estava perdido na presença do mesmo Senhor?

Entre aqueles que se alegravam vendo o Senhor estava Simão Pedro; quase três anos antes, ele tinha estado no seu barco quando o Senhor lho pediu emprestado para dele ensinar a multidão. Depois de ter acabado os Seus ensinos, o Senhor disse a Pedro para lançar a rede e apanhou uma tão grande quantidade de peixe que foi preciso os companheiros do outro barco virem ajudá-lo. Mais uma vez era de esperar que Pedro se enchesse de uma alegria maravilhosa vendo aquele milagre e contemplando a pesca que lhe havia de dar grandes lucros nesse dia. Mas a alegria não foi o seu primeiro sentimento; Pedro caiu aos pés do Senhor dizendo: «Afasta-Te de mim, Senhor, que sou homem peca-

dor!». A presença do Senhor trouxe, outra vez, convicção profunda do pecado e não alegria e paz. Porque seria que Pedro aqui se sentia tão triste pelo seu pecado e tão alegre na Presença do Senhor três anos mais tarde?

Era possível citar mais servos de Deus com quem se deu a mesma coisa e veríamos que, em cada caso, o estado do seu coração determinava o que sentiam na Presença de Deus; Jacob nos seus enganos e roubos, Isaías com os seus lábios impuros e Pedro sentindo-se manchado desde os pés até à cabeça diante do Senhor, nunca podiam ter alegria, a não ser que o seu coração fosse purificado e os seus pecados perdoados. Pedro e os outros discípulos tinham ouvido o convite do Senhor: «Vinde a Mim todos vós que estais cansados e oprimidos e Eu vos aliviarei...» Eles tinham vindo deixar o peso dos seus pecados aos Pés do Salvador que morreria por eles na Cruz, tinham sentido o alívio que vem quando Deus nos liberta desse peso. Deus que tirou o que era torto da vida de Jacob, que purificou os lábios de Isaías, também tinha mudado estas vidas de tal maneira que, em vez de sentirem temor quando enfrentavam o Senhor, sentiam alegria.

A salvação de Deus tira-nos tudo quanto possa impedir que voltemos o rosto para a Face de Deus com a inteira confiança de filhos e a simplicidade daqueles que sabem que não há nuvem nenhuma de pecado entre eles e o Senhor; só assim podemos entrar na bênção destes discípulos do Senhor que se alegraram vendo-O a Ele. A pessoa salva por Jesus tem a bem-aventurança de poder olhar para o Rosto do Senhor, em comunhão aqui na terra, encarar com alegria o passo para a Eternidade e rogozijar-se diante d'Ele eternamente, porque terá um Advogado à direita de Deus que derramou o Seu sangue por ele na Cruz do Calvário, dando-lhe assim perfeito descanso na Presença do Eterno.

Frank Smith

Está consumado!...

(João 19:30)

Meditemos sobre cada palavra das que Jesus pronunciou pregado à cruz; elas sairam dos lábios do Purificador dos pecadores: merecem, certamente, a mais profunda meditação.

«*Está consumado...*» O quê? — A Obra expiatória, o sacrifício propiciatório, a obra perfeita do Filho de Deus; está consumado aquilo em cuja virtude Deus salva da ira, da obra do pecado, da ruína e da culpa, aquilo que glorificou a Deus a desfez «o corpo do pecado» e Satanás, aquilo que limpa os pecados, que nos aproxima de Deus, que realizou a paz, que nos confere um título divino para a posse do céu, que proporcionou uma consciência perfeita, que reconcilia com Deus, que deu satisfação por toda a classe de pecados e culpas, que respondeu duma maneira divina e suficiente à justa exigência do trono de Deus, que glorificou inexcedìvelmente a Deus pelo completo remate da questão do pecado e da natureza que o produziu.

«Está consumado...» — «está»; não diz que estará ou que poderá estar num tempo futuro. É uma obra do passado. Foi concluída há quase dois mil anos; efectuada então e então concluída; consumada por Cristo, aceita por Deus, e atestada pelo Espírito Santo. Não ficou nada por fazer nem para fazer agora ou no futuro. Ficou feita completamente duma vez para sempre. A eficácia desta obra do passado é eterna; Cristo Se ofereceu a Si mesmo uma só vez.

«Está consumado!» — acabado, completo, efectuado, aperfeiçoado; nada fica por acrescentar, nada por completar, nada por realizar; nenhuma lágrima que derramar, nenhum sentimento, nenhuma experiência, nem nenhuma outra coisa é necessária; nada que o pecador possa fazer, pensar ou sentir pode acrescentar virtude alguma a essa Obra que está consumada. O precioso Sangue foi derramado; Cristo foi morto. A purificação do pecado está feita; a Obra está completamente consumada. Deus acha-Se satisfeito

com ela, visto que recebeu no Céu com glória e justiça Aquele que a consumou. E agora, tudo está resolvido entre Deus e o homem que crê em Seu Filho. A Cruz satisfez toda a questão. O pecado — a raiz — e igualmente os seus frutos — os pecados — foram julgados e condenados. A justiça divina foi satisfeita e vindicada, a Glória estabelecida. Sim! «Consumado»! — é a bendita palavra para todo o pobre pecador.

«*Está consumado!*» Bendita expressão! Amado leitor: as palavras pronunciadas por Cristo moribundo na cruz são as que dão a Paz. Estas duas palavras contêm a plenitude da Redenção, a plenitude da bênção desfrutada no presente, e a glória que está para revelar-se. Elas expressam quão completa é a obra que forma a base sobre a qual Deus pode tratar com os pecadores.

Se tu, querido leitor, crês no Senhor Jesus Cristo, as palavras «Está consumado» encerram a verdade daquilo que te tem assegurado o céu — o paraíso, com os seus deleites, seus cânticos, seus gozos e suas glórias.

Ah! Tu precisarás de toda a eternidade para compreenderes a sua profunda e preciosa significação! Quando te achares na Glória, contemplarás o «Cordeiro que foi morto», verás esta expressão — «Está consumado!» — abrir os seus tesouros e revelar a sua profundidade à tua alma assombrada.

Dize-me, amado leitor, já te acolheste a Jesus? Não vês tu esta Obra — sem igual em Graça e Amor — consumada para ti? Oh! sim! Jesus o disse: «*Está consumado!...*».

Versão de *J. A. P.*

Modernismo

A ciência que confirma os factos históricos de Génesis é chamada *Etnologia*. Trata da origem e progresso das raças humanas. O livro de Génesis afirma que todas as raças são descendentes de Noé. A família humana está dividida em três ramos: os descendentes de *Sem, Cam* e *Jafet,*

filhos de Noé. O capítulo X conta as genealogias destas três famílias. Outrora os críticos comentavam o capítulo como sendo «ridículo», «imaginação fantástica», «teorias infantis». Mas as pás e picaretas dos arqueólogos têm transformado estas ideias. Agora até os modernistas admitem que há muita verdade nesse capítulo. Um modernista escreve, por exemplo: «Está conforme a verdade histórica que a Assíria foi colonizada pela Babilónia». Os versículos 8, 9 e 10 explicam que Nimrod era rei de Babel (Babilónia), daí foi para a Assíria e edificou Nínive.

Devemos notar o versículo 27 de Génesis 9. É uma profecia feita há 5 ou 6 mil anos. Diz que Canaan (Cam) seria servo de Jafet. Milhares de anos depois da profecia, não se notou qualquer sinal do seu cumprimento. Depois da dispersão de Babel, a maior parte dos descendentes de Jafet emigraram na direcção da Europa, e, mais tarde, espalharam-se pelo continente. Só reapareceram nas páginas da história mil anos antes de Cristo. Os filhos de Madai ficaram na Ásia, alguns mais tarde misturaram-se com outras raças.

A família de Cam, ao contrário, ràpidamente se tornou poderosa, manifestando grande actividade, tomando posse dos vales do Tigre, do Eufrates e depois do Nilo (Egipto). Mais tarde espalharam-se pelo continente africano, onde as raças camitas puras agora habitam. Os egípcios do tempo bíblico eram da raça camita, mas depois das invasões gregas e romanas, e a conquista pelos árabes maometanos, tornaram-se uma nação mestiça. Os camitas que ficaram na Ásia, como os heteus, cananeus e fenícios, têm-se misturado com outras raças asiáticas A palavra «Cam» quer dizer escuro; «Jafet» louro ou claro. Os descendentes de Jafet hoje são principalmente as nações da Europa (menos os turcos que vieram da Ásia há quinhentos anos). Alguns historiadores dão-lhes o nome de arianos, ou raça ariana.

Os descendentes de Sem são ainda hoje conhecidos como os semitas. Depois de Babel, emigraram na direcção da Síria e Caldeia. Os israelitas representam a raça semita mais

pura no mundo. São chamados judeus, porque a maior parte são da descendência de Judá e tem o nome de hebreus, também, porque são descendentes de Heber (Gén. 11:16). Os árabes são também semitas, porque são descendentes de Abraão, mas pela escrava, Hagar, que era egípcia (camita). Assim, hoje, os semitas, pertencem à Ásia, os camitas à África e os descendentes de Jafet habitam na Europa. Há pequenos grupos da raça ariana na Índia, mas a vasta maioria das nações da Ásia é mestiça. Agora com esta explicação, devemos examinar a profecia dos versículos 25 e 26 de Génesis 9.

Génesis 9:25,26

Encontramos três cláusulas: (1) Deus ia alargar Jafet; (2) Jafet habitaria nas tendas de Sem; (3) Cam seria seu servo. Durante milhares de anos não se viu sinal ou probabilidade do cumprimento da profecia. Todavia tem sido plenamente cumprida nos últimos 400 anos.

(1) *Alargar Jafet.* A descendência de Jafet são as nações da Europa. A raça britânica está espalhada em todo o mundo, na América do Norte, na Austrália, em Nova Zelândia, numa grande porção da África, na Índia, nas Ilhas do Pacífico. A França tem um vasto território na África, e porções na Ásia. Portugal tem duas grandes colónias na África e possessões na Ásia e possuía o Brasil. A Espanha era senhora da América espanhola e de várias grandes ilhas; embora tenha perdido o seu império, os descendentes ainda existem nas velhas colónias. A Holanda possui colónias na Ásia e uma na América do Sul. A Alemanha e a Itália possuíam colónias na África, mas perderam-nas. A Bélgica tem uma grande colónia na África. A Rússia tem-se espalhado na Ásia (Sibéria).

(2) *Habitar nas tendas de Sem.* A Inglaterra e a França tomaram conta da Palestina e da Síria, países semitas.

(3) *Cam* hoje é representado pelos africanos. O governo do continente da África, na sua quase totalidade, está dividido entre os europeus (filhos de Jafet), e os camitas (afri-

canos) são seus servos. Há 400 anos começou o tráfico de escravos africanos. Foram levados aos milhares, durante 3 séculos, para servir aos colonizadores das Américas e para as Índias ocidentais como escravos. A consciência cristã despertou e acabou com o nefando tráfico. A profecia disse (verso 25): «Servo dos servos seja aos seus irmãos». O outro irmão era Sem. Enquanto os filhos de Jafet levavam os africanos da África ocidental para as Américas, os árabes (semitas) levavam escravos da África Oriental para a Arábia. O missionário David Livingstone condenou o tráfico iníquo. A Inglaterra enviou o General Gordon a Khartoum para reprimir a captura e venda dos africanos; os navios ingleses vigiavam a costa da África, e gradualmente o negócio parou. O norte da África, do Egipto até Tânger, foi conquistado pelos árabes (maometanos) e estes descendentes de Sem escravizaram os africanos. Assim a profecia, feita há 5 ou 6 mil anos, foi cumprida, há poucos séculos. Seria difícil a alguém, mesmo a um modernista, explicar esta profecia de outra maneira diferente da que é dada por Deus.

Génesis X

Agora examinemos o capítulo X de Génesis. Primeiro vem a genealogia de Jafet. Os seus filhos são: Gomer, Magog, Javan, Tubal, Mesech e Tiras. Estão representados hoje nos seus descendentes, as nações da Europa. Os cimbros, por exemplo, são descendentes de Gomer, hoje representados pelos gauleses (na Grã-Bretanha) e pelos bretões (na França). Tarsis (filho de Javan, v. 4) é representado pelos espanhóis e portugueses; Javan pelos gregos, Magog pelos russos e raças eslavas da Europa. Os filhos de Tiras são representados pelos escandinavos e outros pelos godos que invadiram o império romano no quinto século de nossa era. Os filhos de Madai ficaram na Ásia e eram representados pelos medos e possìvelmente por algumas das raças arianas que moram na Índia.

No verso 10 lemos que Nimrod era rei poderoso e caça-

dor. O nome ainda é comum na Mesopotâmia. Séculos depois da sua morte foi considerado como um deus e, 300 anos antes do tempo de Abraão, edificaram um templo ao culto de Nimrod em Ur dos Caldeus.

A Torre de Babel

A torre de Babel é chamada hoje pelos árabes Birs-Nimrod, que significa «Torre de Nimrod». No quinto século antes de Cristo, Herodoto (chamado o «Pai da História» e contemporâneo de Neemias) visitou Birs-Nimrod. Ele descreve a torre: diz que eram oito torres, uma obra sobreposta à outra, sendo cada qual menor do que a que lhe servia de base. Eram quadradas. A mais baixa media 400 metros de largura em cada lado. A subida era um caminho em caracol. Em cima havia um templo. Este sistema de torres chama-se «zigurat». Todas as cidades da Mesopotâmia possuiam uma miniatura deste modelo. Foi imitado também no Egipto, na China e no México.

Quando Alexandre Magno passou com o seu exército por Birs-Nimrod, 300 anos antes da era cristã, mandou milhares de soldados tirar a terra de ao redor da torre. Há oitocentos anos um viajante achou que a torre media 220 metros de altura. Hoje, em ruínas, tem apenas 100 metros de altura. É construída de tijolos bem queimados e ligados com betume, como é descrito em Génesis 11:3.

Estes factos provam que a Bíblia é verídica. Se a humanidade fosse descendente de animais, como ensinam os modernistas, levando milhões de anos para se desenvolver, o período glacial, que se deu há dez mil anos, segundo os cientistas, teria obrigado o povo a fugir para habitar mais perto do equador e escapar ao frio e ao gelo. Nesse caso, as raças não teriam conservado os sinais e feições distintivos, mas ter-se-iam misturado, e a cor escura predominaria.

W. Anglin

(«Mocidade Cristã»)

Predicados dalguns personagens bíblicos

Do V. Concerto

Boaz — «Valente e valoroso» — Ruth, 2:1.
Daniel — «Nele havia o espírito dos deuses santos» — Dan, 4:8;5:11,14.
«Nele havia um espírito excelente» — id, 6:3.
«Era fiél.
Não havia nele nenhum vício nem culpa» — id, 6:4.
«Homem mui amado» — id, 9:23.
«Homem mui desejado» — id, 10:11 e 12.
Nimrod — «Foi poderoso caçador diante da face do Senhor» — Gen, 10:9.
Ruth — «Mulher virtuosa» — Ruth, 3:11.
Seraias — «Era príncipe pacífico» — Jer, 51:59.

Do N. Concerto

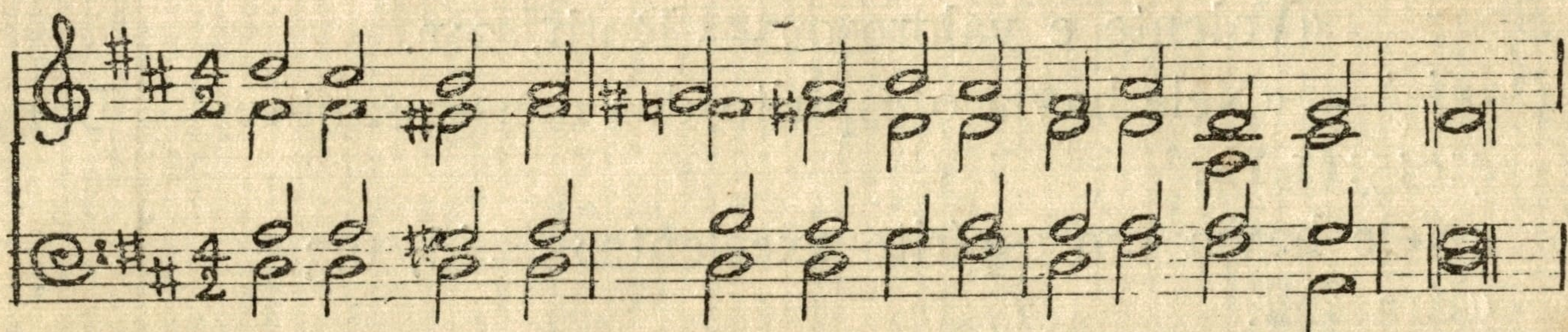
Apelles — «Aprovado em Cristo» — Rom, 16:10.
Epneto — «Primícias da Ásia em Cristo» — id, 16:5.
Isabel (vide, Zacarias).
Maria (mãe de Jesus).
«Agraciada;
O Senhor era com ela, Bendita entre as mulheres» — Luc, 1:28.
Semião — «Era homem justo e temente a Deus, o Espírito Santo estava sobre ele» — Luc, 2:25.
Rufo — «Eleito do Senhor» — Rom, 16:13.
Zacarias (e Isabel)
«Eram justos perante Deus, andando sem repreensão» — Luc, 1:16.

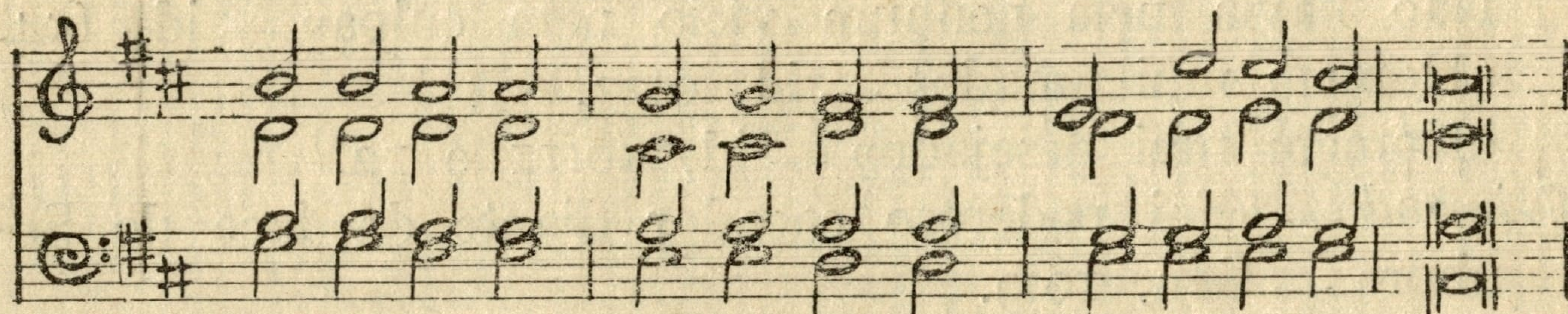
Mosteiro do Mundo, Cela da Vida.

Frei Austéro

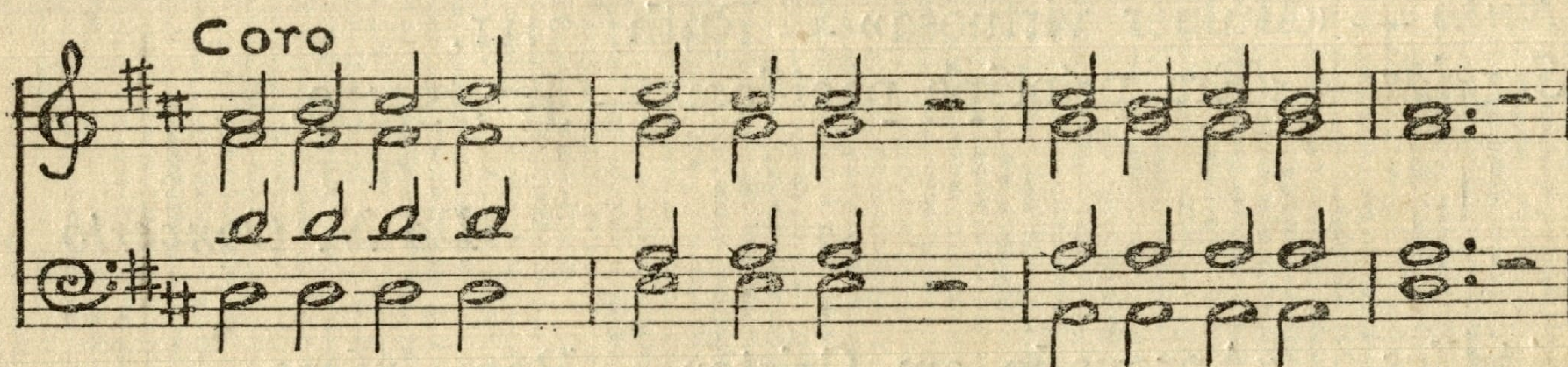
CONSUMADO ESTÁ!

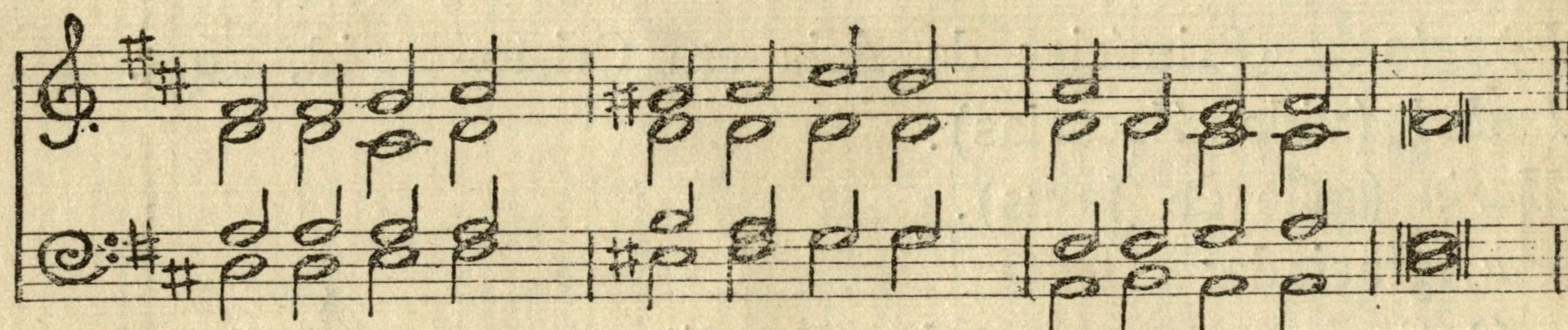
Letra de: H. M. Wright	Música de: K. L. Cox



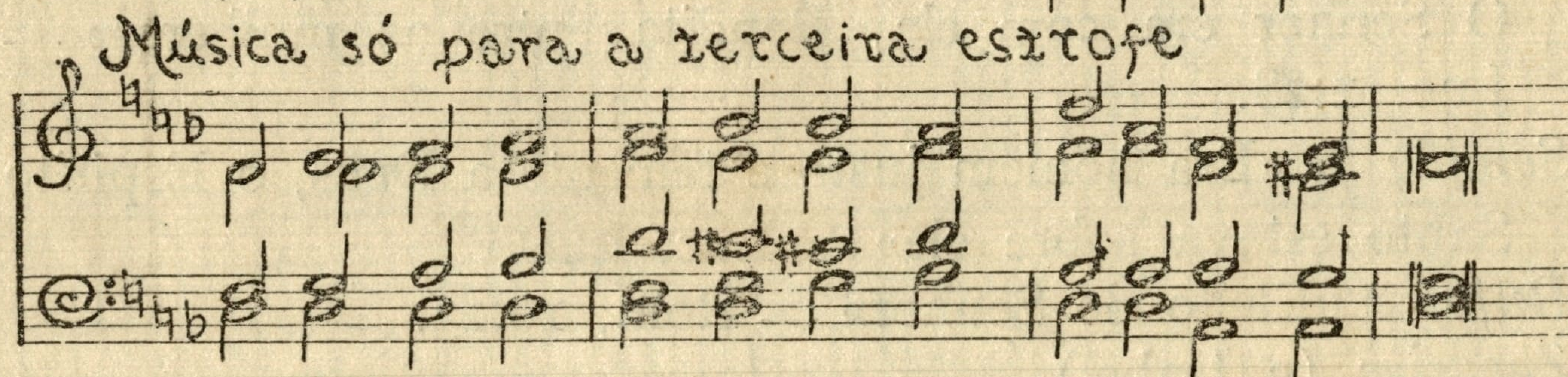


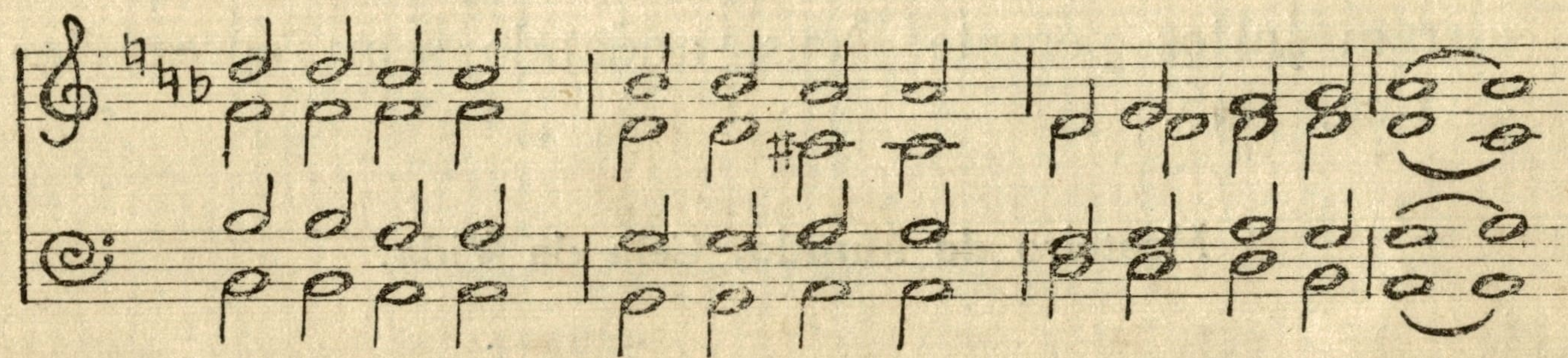
Coro





Música só para a terceira estrofe





CONSUMADO ESTÁ!

(S. João 19:30)

1. Tudo, tudo consumado
Por Jesus ficou;
Sobre a cruz por nós morrendo
Ele o proclamou!

Coro

«Tudo consumado está»
'scuta, ó pecador!
Que mais queres, se o declara
Cristo o Salvador?

2. Cristo, a obra redentora
Não só começou,
Mas, p'ra sempre e plenamente
Ele a completou!

3. Eis na cruz dependurado
Cristo, em teu lugar,
Teus pecados expiando
Para te salvar.

4. Pois aceita a garantia,
Que Jesus nos traz.
Louva a Deus com alegria,
E caminha em paz!

5. Salvo pela Sua graça,
Vai pois trabalhar,
Por Seu grande amor movido,
Grato, e a cantar:

Coro

Tudo, tudo consumado,
Por Jesus ficou!
Sobre a cruz por nós morrendo
Ele o declarou!

A Resplandecente Estrela da Manhã

por *Thomas Hayward*

Uma prova impressionante dos tesouros ocultos em nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo é a variedade de nomes por que é designado. Os Seus títulos tão diversos proclamam a divina perfeição que n'Ele habita e que nos constrange a adorá-l'O.

Entre os Seus nomes simbólicos refulge o título cintilante que nosso Senhor aplica a Si mesmo no Apocalipse: «Eu sou a Resplandecente Estrela da Manhã» (Apoc. 22.16). É um belo emblema, e o deleite que dele extraímos é aumentado pela Sua garantia que Ele Se outorga a Si mesmo aos Seus seguidores vitoriosos: «Ao que vencer... dar-lhe-ei a Estrela da Manhã» (Apoc. 2.25).

I

É o belo planeta Vénus, o assim distinguido como emblema de Cristo. Sendo a sua órbita mais perto do sol do que a da terra que habitamos, Vénus só pode ser visto durante algumas horas depois do pôr do sol ou antes do amanhecer. Por este motivo, segundo a posição que ocupava na sua órbita, era conhecido entre os gregos como Hésperis (donde a nossa palavra véspera), a estrela da noite, e Fósforo, a luz que anuncia a manhã.

Quando se encontra mais perto da terra, esse planeta é tão resplandecente que não tem rival entre os corpos celestiais. É essa estrela «a rainha indisputada do firmamento». Vemos, pois, como é um símbolo adequado do nosso Senhor e Salvador entronizado, que, «sendo o resplendor da Sua glória e a expressa imagem da Sua Pessoa, e sustentando todas as coisas pela palavra do Seu poder, havendo feito por Si mesmo a purificação dos nossos pecados, assentou-Se à dextra da Majestade nas alturas».

Tem-se definido a glória como sendo «excelência mani-

festada». Os atributos abstractos nem são visíveis nem palpáveis. São reconhecíveis apenas mediante qualquer forma de expressão. Assim, a glória da sabedoria e do poder do Criador é revelada pelos movimentos sistemáticos e esplendor universal das estrelas. «Os céus manifestam a glória de Deus». Semelhantemente, a glória dos atributos morais de Deus — justiça, verdade e santo amor — foi manifestada duma maneira excepcional na vida e ministério do Verbo feito carne. Por isso podia o nosso Senhor, incarnado, dizer: «Pai... glorifiquei-Te na terra, tendo consumado a obra que Me deste a fazer». Além disto, a excelência das divinas perfeições de nosso Senhor, da Sua glória inerente, foi manifestada naquele solene momento no Monte da Transfiguração, quando beleza etérea se revelou na Sua forma majestosa, dandо-Lhe um fulgor de mais brancura do que a da neve que cobre os cumes do Líbano, e mais ofuscante do que os raios do Sol ao meio dia.

II

A estrela da manhã *é prenúncio da alvorada*. A natureza alegra-nos a visão com variegados aspectos da sua beleza; e o autor destas linhas nada lhe pede de mais agradável da que contemplar o panorama dos céus que uma vez desfrutou quando do aparecimento dum novo cometa. Era de manhã cedo. O céu mostrava-se cravejado de estrelas cintilantes que brilhavam com extraordinário fulgor na atmosfera, límpida e fria. Alguns poucos graus acima do horizonte erguia-se a luminosidade vaporosa do cometa; suspensa sobre ele, com brilho cintilante, via-se a estrela da manhã. Jamais Vénus parecera tão fulgurante, como que conscientemente orgulhosa por ser o arauto da alvorada.

E é a este respeito que esse orbe constitui um emblema especial do Senhor Jesus, pois, no Seu primeiro advento, Ele veio como a resplandecente Estrela da Manhã, prenúncio do Dia da Graça que em breve raiaria sobre um

mundo «sentado nas trevas e na sombra da morte». O Seu Advento era «o penhor da soberania da luz sobre as trevas»; e, pela Sua vida, morte e ressurreição, esse dia raiou para o mundo. É encorajante reflectir que ainda vivemos nesse longo Dia da Graça, o qual nos assegura a redenção do poder escravizante do pecado para cada indivíduo, e a bênção do reino de Deus — seu amor, gozo e paz — para toda a humanidade. O mundo em que vivemos é um mundo que está a ser vencido na luta contra muitos males; mas, louvado seja o Deus da nossa Salvação, onde o pecado abundou, superabundou a graça.

III

Além disso, a resplandecente Estrela da Manhã *despontará outra vez*. E, quando Ele voltar, será como prenúncio do eterno Dia da Glória. «Eis que cedo venho», diz Ele, «Eu sou a Resplandecente Estrela da Manhã». E todos quantos suspiram pelo Seu reino transformador digam: «Ora vem, Senhor Jesus»! Vénus desmaia na luz da alvorada e perde-se na luz do sol. Mas Cristo, que também é o Sol da Justiça, será sempre a luz desse Dia Eterno.

É instintivo notarmos que, enquanto que as cartas às sete igrejas contêm muitos títulos augustos de Cristo, o único apelativo do cristão é «o que vencer», ou seja, o conquistador. A vida é para o crente uma luta constante contra as forças do mal, luta na qual, deste lado do véu, não há desmoralização; e aquele que resiste vitorioso aos assaltos persistentes de Satanás é nomeado e proclamado vencedor pelo Salvador que o galardoará. Assim, na carta à Igreja em Tiatira, é-nos dito que o Seu Senhor louvou o amor, serviço, fé e paciência que os Seus membros opunham «às profundezas de Satanás». E era este o Seu galardão: «Ao que vencer... dar-lhe-ei a Estrela da Manhã».

IV

Que significa este galardão, que consistia na Estrela da Manhã? Certamente que nosso Senhor lhes dará a Sua vida

radiosa. O planeta Vénus é notável pelo seu grande poder de reflexão. Há qualquer coisa na sua constituição física, ou, talvez, na sua superfície coberta de nuvens, que lhe permite a luz do Sol num grau pouco usual. Por exemplo: o planeta Mercúrio que, estando mais perto do Sol, recebe muito mais da sua luz, não é tão brilhante. A diferença entre eles, dizem os cientistas, é a que existe entre o chumbo e a prata. Na realidade, o poder reflector de Vénus é comparável ao da neve recém-caída. Não devemos depreender, pois, deste dom de nosso Senhor, da Estrela da Manhã aos Seus seguidores vitoriosos, que Ele lhes dará a beleza da Sua radiosa Santidade? É a Sua refulgente perfeição moral que Ele dará a todos aqueles que, reflectindo a Sua glória como que num espelho, estão sendo transformados na mesma imagem, de glória em glória.

Basta-nos pensar em exemplos brilhantes de carácter semelhante ao de Cristo, como SAMUEL RUTHERFORD, DAVID LIVINGSTONE, ELIZABETH FRY, FRANCES RIDLEY HAVERGAL e outros que a fama não historiou mas que nós conhecemos — santas mães, rectos pais, amigos honrados — para realizarmos o que significa a preeminência na vida e carácter de Cristo, a Resplandecente Estrela da Manhã.

V

Ainda mais: Aquele que, sendo a Resplandecente Estrela da Manhã, na Sua natividade, foi o arauto do Dia da Graça, e que, no Seu Segundo Advento, será o arauto do Eterno Dia da Glória, torna-Se na alma de cada qual que O recebe neste mundo o penhor duma herança pessoal com os santos na luz lá em cima, onde os justos brilham como o sol, no Reino do Pai.

Um único símbolo não chega para representar a riqueza de privilégios espirituais que valorizam a vida habitada por Cristo Jesus. O Seu Nome é MARAVILHOSO, e cada

descrição desse Nome constitui apenas uma faceta da Sua glória, um aspecto das insondáveis riquezas da Sua graça. Louvemo-l'O por tudo quanto é; e especialmente pela Sua brilhante manifestação de Si mesmo como a nossa Esperança, agora e através a Eternidade.

«The Christian»
(Trad. de *Jorge A. P. Rosa)*

Resposta ao Questionário Bíblico (Janeiro-Fevereiro)

113. «E Deus criou as grandes baleias, e todo o réptil de alma vivente que as águas abundantemente produziram conforme as suas espécies; e toda a ave de asas conforme a sua espécie. E viu Deus que era bom. E Deus os abençoou, dizendo: Frutificai e multiplicai-vos, e enchei as águas nos mares; e as aves se multipliquem na terra. «Gen. 1:21,22».
114. Golias. I Samuel 17:1-8, 16.
115. Eleazar, filho de Dodó. 2 Samuel 23:9,10.
116. O exército da Assyria, nos dias do Rei Sennaquerib.
117. Ararat. Génesis 8:4.
118. Para glorificar a Deus. Isaías 43:7 «os que criei para Minha glória».
119. «Estes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais vida em Seu nome». João 20:31.
120. E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devemos ser salvos». Actos 4:12.
121. «Mas, a todos quantos O receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no Seu nome». João 1:12.
122. Agora. 2 Cor. 6:2.
123. «Sendo pois justificados pela fé, temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo». Romanos 5:1.
124. «E isto não vem de vós; é dom de Deus». Efésios 2:8.
125. Provérbios 11:25.
126. «O amor do dinheiro». I Timóteo 6:10.

M. Foreid

Circular notável

George Washington escreveu o seguinte numa carta-circular que dirigiu aos Estados norte-americanos:

«A livre cultura das letras, a ilimitada extensão do comércio, o progressivo apuramento dos costumes, a crescente liberalidade de sentimentos, e, sobretudo, a pura e benigna Luz da Revelação, têm tido uma influência morigeradora sobre o género humano e têm aumentado a prosperidade da sociedade.

Rogo fervorosamente a Deus que vos tenha na Sua santa guarda; rogo-Lhe que incline os corações de todos os cidadãos a cultivar o espírito de subordinação e obediência ao Governo; rogo-Lhe que vos ameis fraternalmente uns aos outros, e, finalmente, que Se digne, na Sua graça, predispor-nos a fazer Justiça, a amar a virtude, a comportarmo-nos com essa caridade, humildade e consistência de ânimo pacífico que foram os característicos do Divino Autor da nossa santa religião, o Qual nos deu o exemplo destas coisas, e sem a imitação do Qual nunca poderemos esperar ser uma nação feliz.»

Versão de *J. A. P.*

Três Testemunhos referentes à Bíblia

1. — «NUNCA, como hoje, o mundo cansado tem sentido tanta necessidade da mensagem que só a Bíblia pode dar às nações mutiladas pela angústia, ódio e malícia!».

Presidente Harry Truman (Baptista)

2. — «ENTRE o Velho Testamento e a Ciência não existe qualquer contradição. O pensamento da Ciência de que o Universo tem biliões de anos não é oposto à revelação do Velho Testamento, ainda que os algarismos pareçam extraordinários. Estes apenas dão uma forma matemática às palavras majestosas: «No princípio criou Deus os Céus e a Terra».

«Toda a Escritura divinamente inspirada é útil para ensinar, para repreender, para corrigir e para instruir na justiça».

De um discurso de Pio XII acerca do Velho Testamento

3. — «REFUTAMOS, com desdém, todos os mitos e especulações absurdas acerca de Moisés como uma figura lendária, usada pelos sacerdotes como autoridade para os seus preceitos religiosos, morais e sociais.

Cremos que a atitude mais científica e racional é tomar a descrição histórica da Bíblia à letra, e assim considerar Moisés como um dos mais importantes personagens da História humana. Por seu intermédio foi que o mundo deu o mais descisivo passo para a vanguarda que a História conhece.

Podemos estar certos de que todos estes factos aconteceram exactamente como são relatados nas Sagradas Escrituras. Temos fundamentos para crer que os homens não eram muito desiguais de nós, que eles experimentaram estas realidades e que tudo quanto lhes foi revelado e transmitido foi registado e guardado durante os séculos, com muito mais cuidado do que se registam hoje as notícias telegráficas tais como as lemos nos nossos jornais.

Posso usar as palavras do estadista Gladstone, numa obra já esquecida: «Descansamos com segurança sobre a rocha inabalável das Sagradas Escrituras».

Os cientistas podem muito bem procurar novos caminhos para o progresso, nas suas sondagens e no seu trabalho de esquadrinhar cada detalhe dos relatórios que têm sido guardados desde tempos remotos. Mas tudo quanto podem descobrir e mostrar é a simples grandeza e a essencial confiança nas verdades descritas na Bíblia, verdades que, através dos séculos, têm feito jorrar luz sobre a peregrinação da Humanidade».

Palavras de Mr. Winston Churchill,
publicadas recentemente numa revista americana

E tu, leitor, o que dizes da Bíblia? Possuis a Palavra de Deus, seja ela nas versões Protestante ou Católica?

Um Cristão sem Bíblia, ou um Cristianismo sem Bíblia, ambos são falsos.

De «**Novas de Alegria**»

O mundo enfermo

Há cerca de 20 anos, quando entrava num quarto do Hospital Sueco de Chicago, fui abordado pela enfermeira que olhava carinhosamente por aquela a quem eu e os pequenos tanto queríamos:

«A sua querida esposa está muito doente. *Entre de mansinho, fale docemente e ore com fervor*».

Hoje, em face do estado mundial, temos de confessar que a Terra jaz perigosamente doente. Ao olharmos para a Palestina, a terra prometida, com a sua história sagrada e os seus lugares de oração, consagração e vitória, ao considerarmos as relações hoje existentes entre os descendentes de Abrão — Ismael e Isaac —, sentimo-nos impressionados. Vemos a terra manchada pelo sangue daqueles que dizem ter Abrão por pai.

E a Europa com a sua história de civilização? Aí, e até no próprio lugar que serviu de berço à Reforma, nasceram o Comunismo, o Fascismo, o Nazismo.

Voltamo-nos para a China e Índia, os mais populosos países do mundo, e o que vemos? Os corpos de muitos dos nossos irmãos missionários, vítimas de bandidos e fanáticos...

Até quando visitamos os nossos campos missionários, e as nossas Igrejas, compreendemos a urgente necessidade de um verdadeiro reavivamento do espírito.

E vós, que ledes estas linhas, não sentis também que, como cristãos, nos devemos exortar mùtuamente a *andar de mansinho; a falar docemente, a orar com fervor?*

T. J. Bach

(Trad. de *Isabel Freire*)

União, ou unidade?

Resumido de um artigo por **A. W. Tozer** na «**Dawn**»

O Protestantismo nestes dias preocupa-se cada vez mais com a união das igrejas. Uma porção das principais organizações ocupa-se em unir as muitas comunhões separadas em uma grande organização. Este novo movimento dentro das igrejas provém, sem dúvida, de bons motivos. Muitos dos principais que agem no caso são homens de excelente carácter cristão, e a sua lealdade ao Senhor tem sido cabalmente provada. A caridade cristã não nos permite desconfiar dos seus motivos, posto que a prudência cristã não nos permita segui-los.

Outros entendem que a necessidade do momento não é de uma união de organizações, mas antes de uma unidade espiritual. O Cristianismo está tão radicalmente dividido por diferenças de

doutrina, tradição e governo eclesiástico que uma verdadeira união organizacional sòmente pode ser conseguida à custa de tudo o que é distintivo nas doutrinas e crenças das diferentes igrejas. A união eclesiástica requer uma transigência, no caso de atitudes consideradas há muito tempo fundamentais por gerações inteiras de homens e mulheres piedosos. Para se conseguir uma harmonia eclesiástica havia necessàriamente de se fazer pouco caso de verdades que milhares prezam, e fechar os olhos a variedades doutrinárias que outros milhares consideram sem importância ou erradas.

A história do Cristianismo demonstra que o poder espiritual nunca provém das transigências. Os grandes movimentos de energia espiritual vieram quando homens de coragem e visão ousaram pregar o que creram ser a mensagem de Deus para o seu tempo, sem pedir licença a ninguém, e procurando união sòmente com outros das mesmas convicções. Alguns deles tinham, talvez, ideias um tanto acanhadas, e podemos pensar que teria sido melhor serem mais condescendentes com aqueles com quem não concordavam. Contudo Deus honrou a sua sinceridade. A sua mensagem não uniu as facções existentes. Às vezes dividiu-as ainda mais. Mas o efeito da sua pregação foi expor a hipocrisia, revelar o pouco valor de um cristianismo sem espiritualidade, e despertar as multidões indiferentes com respeito às realidades da salvação e juízo, e à iminência do Reino de Deus.

Não é demais dizer que nós, nestes últimos tempos, devemos o nosso conhecimento das verdades salvadoras a esses profetas do Novo Testamento que trouxeram, não a paz mas a espada. Conservaram bem viva a mensagem do Evangelho, único meio de trazer aos homens a verdadeira salvação.

Verdadeira Unidade

A verdadeira unidade é a união do coração e pensamento de homens e mulheres renascidos. Seu poder prático sobre a vida espiritual começa quando o crente recebe a visão da sua essencial unidade com todo o membro da família de Deus na terra e nos céus. Com o reconhecimento desta fraternidade espiritual nunca mais pode haver um sentimento de exclusivismo religioso. Não pode haver afastamento de outrem que ama o mesmo Senhor e que tem o Espírito de Cristo. Um tal abraça espiritualmente toda a família de Deus, e não requer dos seus irmãos mais do que uma semelhança com o Pai da família.

A verdadeira unidade espiritual dos crentes não é uma coisa que se espera. É uma realidade, e tem sido uma realidade desde que o Espírito Santo veio em Pentecostes. Não esperamos o cumprimento das palavras de nosso Senhor: «Que todos sejam Um». São Um agora. A sua unidade foi afirmada por Paulo:— «Um

corpo, um Espírito, uma esperança, um Senhor, uma fé, um baptismo e um Deus». A separação dos membros em tempo não os separa em realidade, nem são divididos pelas distâncias geográficas, nem pelas várias organizações eclesiásticas em que se encontram.

Resta que cada um de nós sinta e pratique esta unidade. E podemos, com proveito, associar-nos com o grupo na nossa localidade que melhor expressa a unidade do povo de Deus, pràticamente, aqui neste mundo. Isto é para ser feito com humildade e abnegação, sabendo que Deus não tem predilectos entre Seus filhos, e que no Seu coração de amor Ele considera qualquer grupo de crentes tão querido como os outros. O pensamento que um grupo seja superior aos outros é um mal espiritual, e mais destrutivo ao reconhecimento da unidade do corpo de Cristo do que seria qualquer pecado flagrante.

O sectarismo é um dos mais nocivos males que pode afligir qualquer igreja ou denominação. E lembremos que as denominações e igrejas são apenas o que são seus membros. Que amemos o grupo que frequentamos é muito natural e aprovado. Mas não devemos nutrir um amor exclusivo.

A «comunhão dos santos», doutrina tão querida aos nossos pais, é quase desconhecida por muitos cristãos de hoje. Deve ser revivificada. O reconhecimento de uma unidade espiritual com a Igreja Universal de Cristo é uma coisa tão maravilhosa ao coração e tão proveitosa à alma que não devemos negligenciá-la.

(Traduzido de **The Alliance Weekly**)
(Biblioteca Evangélica)

Mas Cristo ressuscitou!

Biológica e socialmente, somos descendência de Adão, sujeitos à corrupção e morte. O Segundo Adão, que é Cristo na Sua Ressurreição, fundou uma nova criação de homens santos, enxertando neles os germens da imortalidade e da incorruptibilidade; permitindo assim perguntar serenamente:

«Onde está ó morte o teu aguilhão? — Onde está ó inferno a tua vitória?» — e animados na suprema confiança: que assim como Cristo, é as primícias de todos os que dormem, os crentes têm a garantia de despertar e viver com Ele gloriosamente nas mansões celestiais.

O Amor de Deus revelado aos homens, é um mistério incompreensível. A vida de Jesus carece de sentido, a Sua

morte ignominiosa constitui um escárneo, separados os factos gloriosos da Sua ressurreição, e na luz desta realidade indestrutível se desvanecem as densas trevas do Calvário.

As actividades de Jesus nos campos da Galiléia, sarando e curando todos os enfermos, adquirem um significado sobre-humano, e se explica, se crê e se aceita, que Deus, no Seu Amor aos homens, permitiu a morte de Seu Filho e para revelar a grandeza do Seu Poder, O levantou do sepulcro.

Que notável contraste com os sepulcros dos demais homens deste mundo! Nestes, quando muito, jazem apenas uns restos ressequidos; ante o Sepulcro de Jesus, ouvimos a voz do anjo: — «Não está aqui, Ressuscitou: — E assim, esta proclamação vai repercutindo através dos séculos, constituindo esta verdade, a Glória do Cristianismo.

Um adepto de Maomé, e um cristão, entraram em relações pessoais e propuzeram-se comparar a superioridade das suas respectivas crenças. Chegou o momento quando o maometano, com ar de triunfo, disse: — Nós temos a consolação de nos podermos prostrar ante os restos do nosso profeta! A isso respondeu o cristão prontamente: Essa vossa fé, é vã e sem esperança. O vosso profeta não teve o poder de sair do lugar onde o puseram; o meu Cristo rompeu todos os laços que a este mundo O ligaram; saiu do sepulcro com Poder e Glória e ascendeu triunfante ao Céu!

Sem ressurreição, Cristo teria sido como tantos outros homens. Cristo ressuscitado é Deus!

Cristo morto na Cruz, apresenta-Se aparentemente derrotado.

Jesus Cristo removendo a pedra do Sepulcro, é o Glorioso Vencedor.

Cristo vive repetindo a eterna mensagem:
«Todo o poder me é dado no Céu e na Terra.
Eu vivo, e vós vivereis».

Traduzido do «Accion e Fé»
por *Fernando Oliveira Lima*

«O Corpo de Cristo»

Por *J. B. Netlleship*

Somos, na realidade, formados «de um modo terrível e maravilhoso», e, se pensarmos durante um momento neste mecanismo tão complexo a que chamamos o nosso corpo, e na maravilha da sua inter-relação com a mente e o espírito, compreenderemos melhor a grande asserção de Paulo de que a Igreja é o Corpo de Cristo.

Em primeiro lugar, o corpo é constituído por uma notável variedade de órgãos, cada qual com uma função peculiar. Os olhos, as mãos, os ouvidos, os pés, todos estes desempenham um papel importante na vida do corpo como um todo. Cada um desses órgãos é indispensável. «Assim também no Corpo de Cristo». Nós, crentes, diferimos uns dos outros sob variadíssimos aspectos — em dons, em experiência, em temperamento.

Todavia, cada um de nós tem qualquer função a desempenhar, qualquer contribuição a fazer para a vida da Igreja. Ricos ou pobres, novos ou velhos, cultos ou iletrados, todos têm o seu lugar na Igreja. Podemos ter o dom de falar bem, ou o da capacidade organizadora, ou o da música, ou o da simpatia. Se nada disto podemos fazer pela Igreja, podemos orar por ela, o que é bem importante. «A uns pôs Deus na Igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro doutores, depois milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas». Nem todos têm o mesmo papel a desempenhar na vida da Igreja, mas ninguém há que não tenha a sua contribuição a dar.

Em segundo lugar, o facto realmente maravilhoso pelo que respeita ao corpo humano é a força vital que nele palpita e que permite a cada órgão exercer a sua função. Ora Cristo é a vida da Igreja; toda a sua vitalidade e orientação derivam d'Ele. Assim como o corpo humano é o instrumento da mente e do espírito, assim também nós existimos para traduzir o pensamento e realizar os propósitos de Cristo, cujo corpo constituímos.

«*The Christian*»

(trad. de **Jorge A. P. Rosa**)

Gólgota

Em Getsemane, chorou
Jesus, amargamente;
Aos discípulos, falou,
Alto, solenemente:
A minh'alma está triste
Duma tristeza funda;
A morte em Mim persiste
Sofro angústia profunda.
Misericordioso Pai...
Tudo Te é possível;
Este calix afastai
O momento é horrível!
Mas, não seja, porém,
Feita a minha vontade;
Faça-se o que convém,
Pela Tua bondade!
Este facto notai...
Meus queridos irmãos;
Vigiai e orai,
Por mor da tentação!
Irmãos, dormi agora
Repousai, sem temores;
De cair, surge a hora...
Nas mãos dos pecadores!
Jesus, então, é preso,
Começa a expiação;
O Seu olhar surpreso...
Interroga a multidão.
Gentes, de varapaus,
E de fulgentes espadas;
Pelos príncipes maus...
Contra Ele são enviadas.
Do sinal da traição,
Judas, teve o ensejo;
Sem leve hesitação,
A Cristo, dá o beijo!
Jesus, é conduzido,
A casa de Caifás;
De longe, é seguido...
Por Pedro, sem ter paz!
Muitos, brandiam punhos,
Entre calúnias fortes;
Em falsos testemunhos,
P'ra condená-lO à morte!
Afirmam, por exemplo,
Entre outras fantasias:
Que derrubava o Templo...
E o repunha, em três dias!
Caifás, de voz pausada,
Disse, fora de si:
Nunca respondes nada,
Ao que dizem de Ti!
Jesus silencioso,
Ouvia, com tristeza;
Este rei ardiloso,
Mas sem menor firmeza.
Ele, então, incisivo,
Pergunta, com escarceus:
Que digas, p'lo Deus vivo...
Se És, Filho de Deus!
Jesus, sereno, teve,
Inspiração celeste;
E, lhe responde, breve:
Caifás, tu o disseste!
Vencedor do pecado,
Muito em breve, hás-de ver;
Filho de Deus, sentado...
À Dextra do Poder!
Caifás, rasgando a túnica,
Em redor, afirmou:
Sua maldade, é única...
Blasfemou! Blasfemou!
Então! Que vos parece?
Pergunta ao povaréu;
Que é que Ele merece?
Pois é de morte, réu!
Jesus, foi maltratado,
Impiedosamente;
Também, esbofeteado...
Seu rosto inocente!
Jesus, foi a Pilatos,
Chamado, a responder;
Foram iguais seus actos...
Pois nada quis dizer!
Pilatos, mui surpreso,
De atitude honesta;
Costumava, um preso...
Soltar, durante a festa.

O povo é que escolhia,
O preso que lhe apraz;
Qual se libertaria?
Jesus ou Barrabás?
A ignara multidão,
Obscurecida, sem luz;
De feroz coração,
Não quis soltar Jesus!
Pilatos, então faz,
Pergunta a quem tem jus:
Vou soltar Barrabás...
Que farei a Jesus?
P'ra mal de todos nós,
O povo há uivado;
Só se ouviu uma voz...
Seja Crucificado!

Ao Gólgota JESUS
Subiu com humildade;
E remiu numa Cruz...
A toda a Humanidade!
Sublime expiação
Do vero Redentor;
P'ra termos Salvação,
Sofreu pena maior!
Jesus, madeiro verde!
Ausente de pecado;
Precioso sangue perde...
Sem Mal ter praticado!
Penou um Inocente,
Foi um real dislate;
E, de rosto silente...
Sofreu, p'ra dar resgate!

MARCOS MATTA

Escola Bíblica — Apontamentos de Estudo Bíblico

A CRIAÇÃO DO HOMEM — FORMAÇÃO DA MULHER — CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA

Pela criação do homem, terminou Deus a Sua Obra e assim pôde dizer «que tudo era bom». Deus pode também repousar e o homem entra desde o início no sábado de Deus (para ele, portanto, o primeiro dia), numa obra completa e perfeita.

I — A NATUREZA DO HOMEM. O homem tem, ao mesmo tempo, qualquer coisa da Terra e do Céu. Pelo corpo, é animal. Mas a sua alma é de essência divina; reflectia a imagem moral de Deus. E o seu espírito permite-lhe saber, aprender, compreender a Deus. O homem é pois, também, uma trindade, conforme I Tess. 5:23. Recapitulando:

O Espírito (I Cor. 2:11) põe-no em contacto com as coisas espirituais, com Deus.

A alma (Salmo 42:1-6) é a sede das emoções, desejos e afeições.

A palavra «coração» é empregada, mais ou menos, como sinónimo de alma.

O corpo (João 5:28-9; I Cor. 15:47-50; Apoc. 20:11-3) é a sede dos sentidos, para contacto com o mundo material. Quando na Escritura se fala do crente que morre «dormindo no Senhor» é o corpo que dorme, pois que o espírito está alerta e existe sempre. Por isso, também, quando lemos da ressurreição (Mat. 27:51) é o corpo que ressuscita. Em Génesis 2:7 diz-se que o homem (o corpo) foi formado do pó da terra.

Não é mera figura de estilo, mas realidade científica, porquanto no corpo humano existem os 14 elementos químicos que se en-

contram no pó da terra. Quando tomamos certos medicamentos, não estamos porventura recuperando elementos perdidos, devido a cansaço, doenças, etc.? (os compostos de cálcio, fosfatos, etc. não são substâncias estranhas ao nosso corpo...).

O homem foi criado. Não apareceu como resultado da evolução de qualquer espécie animal (Mat. 19:4; Marc. 10:6; Actos 17:26). Génesis 1:26-7 dá-nos o relato geral da sua criação, enquanto que em Génesis 2:7, 21/3 temos o relato pormenorizado.

II — A ALIANÇA EDÉNICA (Génesis 1:28-30; 2:15-7) — Deus plantou um jardim maravilhoso, largamente regado e fertilizado, para ser domínio particular desta criatura que é objecto de todos os Seus cuidados. Depois, confia-lhe, por contrato, ou por aliança, o domínio da Terra. Tudo entregue nas mãos do homem, animais e vegetais, para que deles use livremente, com excepção da árvore do conhecimento do bem e do mal, apenas. Violar tal proibição impenderia a rotura da aliança, a separação de Deus, fonte de toda a vida; isso acarretaria, portanto, a morte. Havia com efeito, no jardim do Eden, um desenvolvimento possível para o homem. Era inocente, mas na obediência a Deus, por amor filial, e na confiança para com o seu Criador, poderia chegar à santidade, quer dizer, conhecer o mal, mas fugir dele. Tinha um adversário a temer, uma proibição a observar, um domínio a explorar, a estudar e a cultivar: Eis os meios que Deus queria empregar para a educação do homem e para que este se Lhe apegasse cada vez mais (Génesis 2:15-7).

III — FUNDAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DA FAMÍLIA (Génesis 2:18-25). O amor de Deus é particularmente realçado na criação de Eva e na fundação da primeira família. É satisfeita a necessidade do coração de Adão que encontra em Eva uma companheira, ajudadora capaz, pessoa a quem ame e com a qual poderá partilhar suas alegrias, impressões, experiências, numa palavra: toda a sua vida. A família, organização divina, mas para uso do homem, é colocada sob a especial bênção de Deus e sob a Sua vigilância. Era destinada a fazer a felicidade da Humanidade (Mat. 19:4-6).

Formada a mulher, de uma costela de Adão, de sobre o seu coração, para ser sua igual, sua companheira, sua Esposa, amada e respeitada. Não foi formada da cabeça, para que não pretendesse ser-lhe superior, nem dos pés, para que não fosse julgada inferior.

Formada durante o sono de Adão. Assim foi a sua origem.

Linda figura do nascimento da Igreja, que teve origem na morte do Senhor Jesus Cristo: «o sono do Esposo»...

«E o que Deus ajuntou, não o separe o homem».

(Adap. de **F. Berney**, de **C. I. Scofield** e outros)
por: **Guido Waldemar Oliveira**

ATENÇÃO!

Esta revista vive da generosidade dos seus leitores. Ajudai-a com o mínimo de 2$50 por cada número duplo

ESTÁ À VENDA O 9.º VOLUME, DE 1951

PREÇO 25$00

Recebemos fascículos para encadernar:
Preço 10$00 por volume, incluindo o correio

Toda a correspondência sobre esta publicação deve ser dirigida ao Redactor

José Ilídio Freire
Praça das Amoreiras, 34
LISBOA

Agente no Brasil: — **E. P. Ellis**
Cx. Postal 901
RIO DE JANEIRO

Agente em Angola: **Rev. A. Pinto Ribeiro Jr.**
Cx. Postal 230 — NOVA LISBOA
ANGOLA

Agente em Moçambique: — **Nascimento de Jesus Freire**
BEIRA — Cx. POSTAL 396

Agente nos Açores: — **K. L. Cox**
PONTA DELGADA

Agente na Guiné: — **L. Brierley**
BISSAU

Agente em Cabo Verde: — **Rev. Clifford Gay**
Cx. Postal 5
PRAIA

Agente na Bermuda: **Pastor João P. Santos**
PAGET EAST

2271-52 — PAPELARIA FERNANDES — LISBOA